

## ALGUNS OBJECTOS INÉDITOS, BASTANTE RAROS, DA COLECÇÃO DO PROFESSOR MANUEL HELENO

Por

O. DA VEIGA FERREIRA

### I — INTRODUÇÃO

Por incumbência do Sr. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, actual Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcellos, fomos encarregados de estudar e inventariar a colecção do falecido e antigo Director daquele estabelecimento do Estado, Prof. Doutor Manuel Heleno. Grande parte da colecção está inédita, muito embora muitos estudos estivessem adiantados já, como o espólio das Antas de Montemor-o-Novo (Alentejo) (1). Nesta primeira nota, de homenagem ao falecido arqueólogo, apresentamos já algumas peças de inegável interesse e valor para os investigadores do Eneolítico peninsular, não só devido à sua raridade, como também por permitir tirar novas conclusões sobre alguns materiais doutras estações em vias de publicação. Seguramente outras peças de apreciável valor irão surgindo à medida que o inventário e classificação for avançando e, nesse caso, dá-las-emos a conhecer em trabalhos futuros.

---

(1) O. da Veiga Ferreira, Maria Antónia e João Saavedra preparam, segundo o plano do Prof. D. Fernando de Almeida, uma monografia sobre os moumentos megalíticos de Montemor-o-Novo que será de homenagem ao Prof. M. Heleno que há anos procedeu às escavações.

## II — INVENTÁRIO DO MATERIAL AQUI APRESENTADO

- a) Alabarda de sílex «tipo Casa da Moura» (Est. I, n.º 5);
- b) Alabarda de sílex «tipo Casaínhos» (Est. II, n.º 9);
- c) Grande pendente de fibrolite (Est. II, n.º 8);
- d) Ponta de seta de sílex, dupla (Est. I, n.º 1);
- e) Conta cilíndrica de anfíbola, ornamentada (Est. I, n.º 2);
- f) Escultura zoomorfa de anfíbola (Est. I, n.º 3);
- g) Placa de xisto ardoso ornamentada (Est. I, n.º 6);
- h) Escultura zoomorfa de xisto ardoso (Est. II, n.º 7);
- i) Vaso «carenado» ornamentado (Est. I, n.º 4).

## III — DESCRIÇÃO DO MATERIAL E SUA COMPARAÇÃO

- a) *Alabarda da Gruta do Furadouro* (Est. I, n.º 5)

Esta alabarda provém duma gruta situada na Quinta do Furadouro ou Furadoiro junto da Amoreira de Óbidos. A propriedade pertence ou pertenceu ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. Manuel Figueira Ferreira da Câmara. Para o Museu veio, com a alabarda, uma ponta de lança ou punhal de sílex, um machado de pedra polida de fibrolite, um vaso de osso com reticulado em xadrez e traços verticais e fragmentos de cerâmica lisa.

A alabarda, como se disse no inventário, é do tipo das alabardas triangulares da Casa da Moura (Cesareda) <sup>(2)</sup> cujo espólio se pode ver no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. É toda trabalhada, na periferia, ponta e talão, num sílex castanho com manchas brancas. Estas alabardas foram primeiro talhadas e depois desgastadas, de um e outro lado, até ficarem com as duas faces polidas e com uma espessura muito reduzida para o seu tamanho. Medidas: comp. 104 mm; larg. máx. 78 mm; esp. 6 mm.

Estas alabardas desgastadas de forma triangular são bastante raras. Além das da Casa da Moura (Cesareda), já assinaladas, encon-

---

(2) J. F. N. Delgado, «Notícia acerca das grutas da Cesareda», Lisboa, 1867.

tramos ainda uma em Alcobaça <sup>(3)</sup>, outra numa sepultura de Martin Afonso (Cacela) <sup>(4)</sup>, uma terceira na Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras) <sup>(5)</sup>, outra na Gruta do Cabeço de Turquel, embora mais rude mas é também desgastada, outra ainda na Gruta II da Senhora da Luz (Rio Maior) e, por último, a bela peça de Montiraz (Casével — Santarém) <sup>(6)</sup>.

b) *Alabarda de sílex de «tipo Casainhos»*  
(174 mm × 101 × 16 mm) (Est. II, n.º 9)

Este magnífico exemplar provém dum dólmen explorado pelo Prof. Manuel Heleno na região de Montemor-o-Novo. É uma alabarda massiça, espessa, de forma triangular retocada, em ambas as faces e bordos, profundamente. O exemplar mais próximo, que conhecemos, é o do monumento de Casainhos (Fanhões) há pouco estudado <sup>(7)</sup>. Na colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal existe outra alabarda do mesmo tipo, embora mais estreita, encontrada na anta de S. Gens. Vimos ainda em desenho alabardas que se poderão comparar a esta de Montemor. Indicamos assim uma proveniente duma anta de Barbacena, outra duma anta de Saragonheiros (Nisa) e por último duas de Boudava (Monforte) <sup>(8)</sup>.

c) *Grande pendente de fibrolite* (205 mm × 48 mm × 17 mm)  
(Est. II, n.º 8)

Proveniente de Fronteira no Alentejo recolheu o Prof. Manuel Heleno um grande artefacto de fibrolite com um furo bicónico de suspen-

---

<sup>(3)</sup> M. Vieira Natividade, «Grutas de Alcobaça», *Portugália*, T. I, fasc. 3, Porto, 1901.

<sup>(4)</sup> G. e Vera Leisner, «Die megalithgräber der Iberischen halbinsel der Westen, Berlin, 1959.

<sup>(5)</sup> R. Belo, L. Trindade e O. da Veiga Ferreira, «Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

<sup>(6)</sup> Colecção do Museu dos Serv. Geol. de Portugal.

<sup>(7)</sup> Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos», *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 16, Lisboa, 1969.

<sup>(8)</sup> G. e Vera Leisner, «Die megalithgräber... Berlin, 1943.

são. A peça admiravelmente desgastada e polida, só tem paralelo, que nós conheçamos, numa outra aparecida, há anos, mas sem furo de suspensão e afeiçoada em espécie de enxó atípica (\*).

d) *Ponta de seta de sílex de forma estranha*

(32 mm × 11 mm × 3 mm) (Est. I, n.º 1)

Esta ponta de seta de sílex é absolutamente diferente de tudo quanto é conhecido até agora nesta matéria. Dá a impressão que o artífice pré-histórico iria fazer dela duas? Uma de base côncava, e outra, que seria de base recta ou pedunculada, quando se fizesse a separação. É um magnífico exemplo do trabalho do sílex. A ponta está admiravelmente trabalhada nas duas faces, ponta e base. Apareceu no corredor dum dólmen da região de Montemor-o-Novo.

Proveniente também de um dólmen de Montemor-o-Novo trazemos aqui uma linda conta de uma rocha verde que poderá ser uma anfíbola ou variedade. (Est. I, n.º 2, 100 mm × 8 mm). A particularidade reside na sua ornamentação que é muito rara. Além dos sulcos, inferior e superior, paralelos aos topos, apresenta 5 faixas verticais com ornamentação de traços oblíquos formando, no conjunto das cinco faixas, um zig-zag de belo efeito. Conhecemos algumas contas ornamentadas mas, com este desenho e concepção, não nos lembra de termos visto nenhuma.

f) *Pequena escultura de roedor em rocha verde*

(23 mm × 12 mm × 6 mm) (Est. I, n.º 3)

Provindo do mesmo monumento que deu a conta de colar, apareceu uma linda escultura zoomorfa representando o clássico roedor. É feita numa rocha verde que bem pode ser uma anfíbola ou qualquer variedade como o epídoto ou a vesuvianite. Tem apenas as mãos partidas por acidente muito antigo pois a pátina é de grande antiguidade. O número destas pequenas esculturas tem aumentado bastante desde

(\*) O. da Veiga Ferreira, «Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos», *Bol. da Junta Distrital de Lisboa*, n.ºs LIX-LX — II Série, 1963.

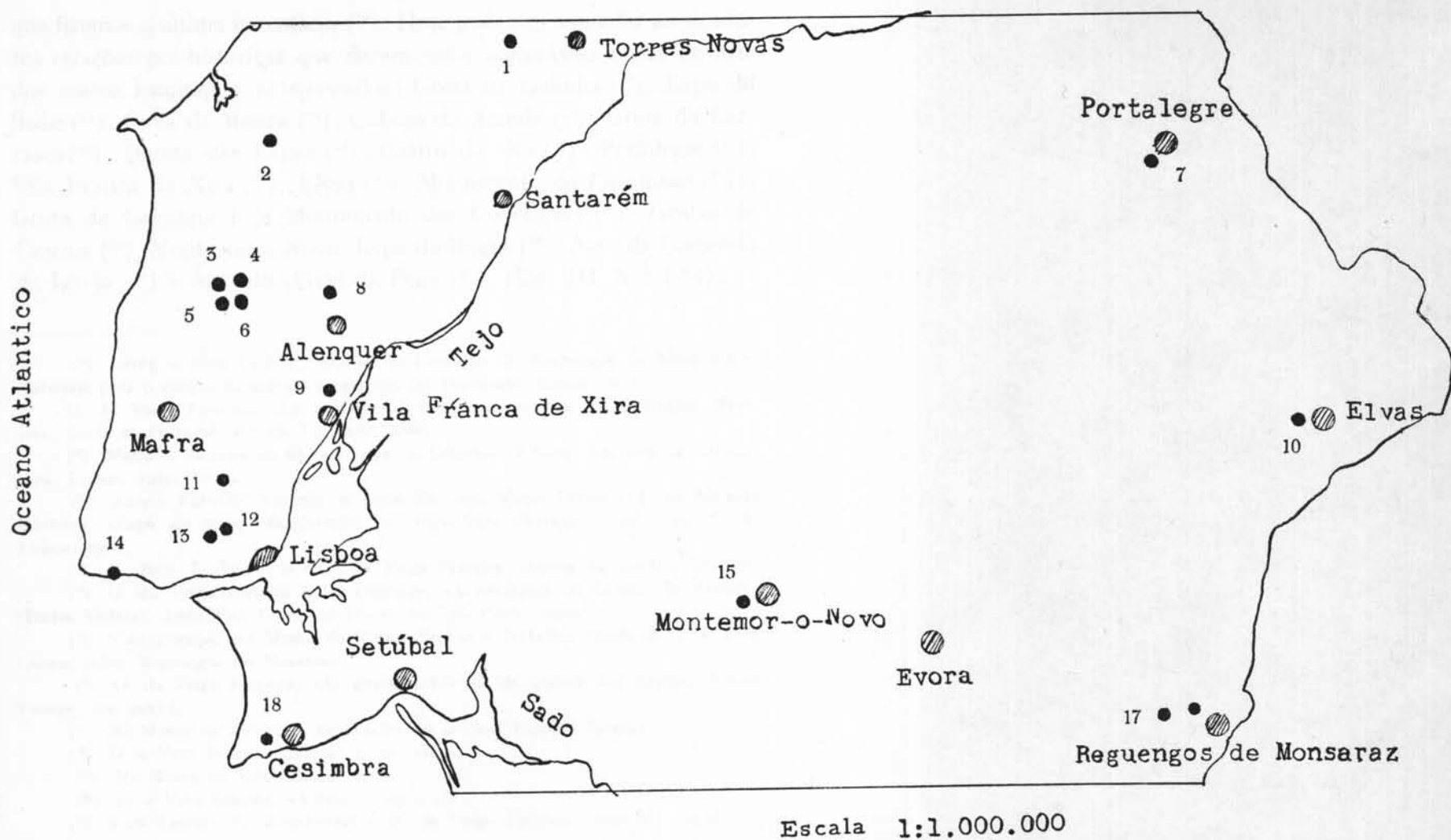


Fig. 1 — Mapa da região central de Portugal com a indicação das localidades que deram estatuetas de roedores: 1 — Gruta da Galinha; 2 — Lapa do Suão; 3 — Cabeço da Arruda; 4 — Cova da Moura; 5 — Gruta da Carrasca; 6 — Quinta das Lapas; 7 — Portalegre; 8 — Castro da Ota; 9 — Vila Franca de Xira; 10 — Elvas; 11 — Monumento de Casainhos; 12 — Monumento das Conchadas; 13 — Gruta de Carenque; 14 — Grutas de Cascais; 15 — Montemor-o-Novo; 16 — Anta do Olival da Pega; 17 — Anta da Comenda da Igreja; 18 — Lapa do Bugio.

que fizemos o último inventário <sup>(10)</sup>. Hoje podemos assinalar as seguintes estações pré-históricas que deram estas admiráveis obras de arte dos nossos longínquos antepassados: Gruta da Galinha <sup>(11)</sup>, Lapa do Suão <sup>(12)</sup>, Cova da Moura <sup>(13)</sup>, Cabeço da Arruda <sup>(14)</sup>, Gruta da Carasca <sup>(15)</sup>, Quinta das Lapas <sup>(16)</sup>, Castro da Ota <sup>(17)</sup>, Portalegre <sup>(18)</sup>, Vila Franca de Xira <sup>(19)</sup>, Elvas <sup>(20)</sup>, Monumento de Casinhos <sup>(21)</sup>, Gruta de Carenque <sup>(22)</sup>, Monumento das Conchadas <sup>(23)</sup>, Grutas de Cascais <sup>(24)</sup>, Montemor-o-Novo, Lapa do Bugío <sup>(25)</sup>, Anta da Comenda da Igreja <sup>(26)</sup> e Anta do Olival da Pega <sup>(27)</sup>. (Est. III, n.ºs 1-14).

<sup>(10)</sup> Georg e Vera Leisner, «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz — materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal», Lisboa, 1951.

O. da Veiga Ferreira, «La culture du vase campaniforme au Portugal» *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 16, Lisbonne, 1966.

<sup>(11)</sup> Maria C. Moreira de Sá, «A Lapa da Galinha», *I Cong. Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959, vol. I.

<sup>(12)</sup> Antero Furtado, António da Silva Maurício, Vasco Côrtes e J. de Almeida Monteiro, «Lapa do Suão (Bombaral)», *O Arqueólogo Português*, vol. III, N. S. Lisboa, 1969.

<sup>(13)</sup> R. Belo, L. Trindade e O. da Veiga Ferreira, «Gruta da Cova...» op. cit.

<sup>(14)</sup> O. da Veiga Ferreira e L. Trindade, «A necrópole do Cabeço da Arruda» (Torres Vedras), *Anais Fac. Ciênc. do Porto*, vol. 38, Porto, 1956.

<sup>(15)</sup> Vide colecção no Museu de Torres Vedras e trabalho citado de G. e Vera Leisner sobre Reguengos de Monsaraz.

<sup>(16)</sup> O. da Veiga Ferreira, «As grutas artificiais da Quinta das Lapas» (Torres Vedras), (no prelo).

<sup>(17)</sup> No Museu de Alenquer. Escavações do saudoso Hipólito Cabaço.

<sup>(18)</sup> G. e Vera Leisner, «Antas...», op. cit.

<sup>(19)</sup> No Museu de Vila Franca.

<sup>(20)</sup> G. e Vera Leisner, «Antas...», op... cit...

<sup>(21)</sup> Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les monuments...», op... cit...

<sup>(22)</sup> M. Heleno, «Grutas artificiais do Casal de Vila Chã» (Carenque), *Cong. Luso-Esp. de 1932*, Lisboa, 1933.

<sup>(23)</sup> Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

<sup>(24)</sup> A. do Paço, Maria de Lourdes Bártholo e A. Brandão, «Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais», *I Cong. Nac. de Arqueologia*, I Vol., Lisboa, 1959.

<sup>(25)</sup> Rafael Monteiro e E. Cunha Serrão, «Estação Isabel (Necrópole pré-histórica da Azoia)», *I Conc. Nac. de Arqueologia*, I vol., Lisboa, 1959.

R. Monteiro, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Com. ao II Cong. Nac. de Arqueologia, Coimbra, 1970.

<sup>(26)</sup> George e Vera Leisner, «Antas...», op... cit...

<sup>(27)</sup> Idem, Idem, op... cit...

O maior número de descobertas situa-se na Península de Lisboa normalmente em estações funerárias.

A característica quase sempre uniforme das representações faz pensar que a escolha deste animal roedor obedeceu a uma finalidade religiosa a que não deve andar alheia a ideia da fecundidade dada a proliferação destes pequenos animais. Estas esculturas zoomorfas continuam a ser desconhecidas fora do País e não se encontram fora da faixa assinalada na planta aqui apresentada (Fig. 1).

No Egipto são frequentes, nas tumulações, as figurações de pequenos animais, mas a lebre e o coelho raramente se encontram entre elas.

g) *Escultura zoomorfa de xisto ardosiado*

(43 mm × 20 mm × 9 mm) (Est. II, n.º 7).

Pela segunda vez, pelo menos ao nosso conhecimento, chega uma estatueta zoomorfa representando, sem dúvida, um suídeo<sup>(28)</sup>. Como se pode ver na gravura ampliada trata-se da escultura bem cuidada dum animal que lembra o javali ou o porco. Está quase completa apenas estando partido o bloco dos pés onde esteve o outro furo de suspensão. A cabeça talhada é, sem dúvida, a de um suídeo.

Em Portugal, como representação de suídeos, conhecemos, apenas, o vaso cerâmico zoomorfo da Gruta de Turquel (Carvalhal)<sup>(29)</sup> e o vaso de calcário de Olelas<sup>(30)</sup>. A escultura agora apresentada apareceu numa anta dos arredores do Vale de Figueiras (Montemor-o-Novo), cujo espólio se estudará em breve.

Estas manifestações idolátricas demonstram a tendência para a zoolatria dos povos pré-históricos e proto-históricos peninsulares. Esse culto desenvolve-se muito com os lusitanos e povos peninsulares da

---

(28) G. e V. Leisner, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel der Western», Berlin, 1959.

(29) J. Camarate França, «A vasilha zoomórfica da Gruta do Carvalhal» (Turquel), *Mensário Administrativo*, n.º 39-40, Luanda, 1950.

(30) E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente, «O Castro eneolítico de Olelas — primeiras escavações», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

Idade do Ferro <sup>(31)</sup> e ainda hoje é fácil ver a quantidade de monumentos de pedra do Norte do País e da Galiza apresentando animais como os *berrões*, *toros*, *carneiros* etc. Em Betanzos, no túmulo de Fernan Pérez de Andrade, vêm-se dois berrões da Idade do Ferro que suportam o dito túmulo. Também ainda em Betanzos, na Igreja de San Francisco existe, sob a cruz de um dos telhados, um belo berrão, também da Idade do Ferro. No norte do nosso País é sobejamente conhecida a célebre porca de Murça. A zoolatria perdura na época lusitano-romana como se pode ver em vários monumentos epigráficos <sup>(32)</sup>.

Na região egípcia e assírio-caldaica o suídeo é vulgar nas representações idolátricas, como os vasos da Susa <sup>(33)</sup>. Tudo leva a crer que o suídeo era um animal muito adorado, não como objecto de especiais superstições, como querem alguns autores <sup>(34)</sup>, mas sim como o mesmo fim, ligado à fecundidade, como para o caso dos roedores. Na circunstância dos porcos aliava-se a fecundidade à utilidade e, ainda nos nossos dias, a criação do porco constitui a reserva invernal dos povos d'algumas províncias portuguesas e espanholas para não irmos mais longe.

Não invalidamos, é certo, o argumento a favor da zoolatria, entre os povos da cultura ou culturas que floresceram na época eneolítica relacionada com o ritual funerário. Também não invalidamos que o totemismo poderia, muito bem, ter feito parte do quadro religioso da época e que tivesse perdurado até os tempos lusitano-romanos.

Podemos ainda admitir que as influências da região de Susa, nessa época pré-histórica, se tenham feito sentir como, aliás, outros testemunhos o parecem querer comprovar <sup>(35)</sup>.

---

<sup>(31)</sup> S. da Veiga Ferreira e O. da Veiga Ferreira, «A vida dos lusitanos no tempo de Viriato», *Editorial Polis*, Lisboa, 1970.

<sup>(32)</sup> J. Leite de Vasconcellos, «Religiões da Lusitania», Vol. II, Lisboa, 1905.

<sup>(33)</sup> J. Morgan, «La Prehistoire orientale, T. II — L'Egípte et l'Afrique du Nord», Paris, 1926.

<sup>(34)</sup> E. Cunha Serrão e E. Prescott Vicente, «O castro...», op... cit...

<sup>(35)</sup> Vera Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les monuments...», op... cit...



*h) Placa de xisto ardosiado gravada (114 mm × 88 mm × 9 mm)  
(Est. I, n.º 6)*

Esta placa provém de uma anta de Alter do Chão e era acompanhada do seguinte espólio:

- restos de 12 vasos lisos
- oito fragmentos de placas de xisto ardosiado
- 1 machado de anfibólito
- 1 placa de grès polido
- 1 vaso carenado com ornamentação a matriz

A placa tem de extraordinário o parecer ter sido gravada por duas vezes. Dá a impressão que, primitivamente, havia um desenho mais simples e depois tornaram a gravar outro sobre o já existente, com motivo mais completo e complicado, como sucede nas placas de desenho evoluído da cultura dolménica alentejana. Em todo o caso parece-nos ser um exemplar de placa bastante raro.

*i) Vaso «carenado» com ornamentação a matriz (pente)  
(Abertura, 100 mm; alt., 66 mm) (Est. I, n.º 4)*

Este vaso apareceu, como se viu acima, numa anta de Alter do Chão. A particularidade que lhe confere um lugar de grande raridade na cerâmica pré-histórica portuguesa, é a sua ornamentação constituída por 8 bandas verticais de traços pontilhados feitos com matriz de osso ou de madeira provávelmente? De notar que esses traços pontilhados são em número de 6 com a excepção de duas bandas em que se contam 7. O pontilhado é conseguido com um pente de 8 dentes. Lembra-mo-nos de ter visto um pente destes no Museu de Torres Vedras encontrado nas últimas escavações do castro do Zambujal<sup>(36)</sup>. Esse pente é feito numa delgada lâmina ou placa de osso muito bem polida e afeiçoada. Temos quase a certeza que este vaso de Alter do Chão foi ornamentado assim. O vaso é feito à mão com o interior e exterior muito bem alisado e foi cozido em forno. Tem o perfil dos vasos «carenados» que se de-

<sup>(36)</sup> Foi-nos mostrado pelo nosso querido amigo e investigador torrejense Director do Museu Municipal de Torres Vedras, Leonel Trindade. Aqui lhe agradecemos com toda a amizade.

envolvem mais tarde com formas cuja carena é muito mais baixa e pronunciada. Referimo-nos aos vasos da Cultura Argárica ou do Bronze meridional português <sup>(37)</sup>.

#### IV — CONSIDERAÇÕES FINAIS

As peças de raridade arqueológica agora apresentadas pertencem todas a um Eneolítico pleno, muito embora a maior parte tenha vindo de dólmenes ou antas das regiões de Alter do Chão e de Montemor-o-Novo, no Alentejo. A alabarda da Amoreira, pela sua proximidade com os materiais da Estremadura, deve pertencer à Cultura Mista do litoral, tal qual, os materiais da Gruta da Casa da Moura (Cesareda) sua mais próxima jazida importante.

A nota, a meu ver, mais extraordinária é a descoberta da escultura zoomorfa representando um suídeo. O vaso de Alter do Chão é um exemplar do mais digno apreço. É a exemplificação pura da ornamentação por meio de matriz em pente de osso ou de madeira.

Creemos que a publicação destas peças constituirá uma achega apreciável aos amadores e investigadores da ciência arqueológica peninsular.

#### R É S U M É

L'auteur de ce travail décrit 9 pièces choisies dans la collection laissée par le Prof. Manuel Heleno, récemment décédé.

— Une hallebarde en silex, de forme triangulaire, provenant de la grotte de Furadouro (Amoreira. Óbidos).

— Une hallebarde, de type «Casainhos», provenant d'un dolmen de la region de Montemor-o-Novo.

— Un pendentif en fibrolite trouvé près de Fronteira (Alentejo).

— Une pointe de flèche, de forme inédite, une perle de colleur décorée en amphibole, une sculpture en amphibole représentant un Rongeur.

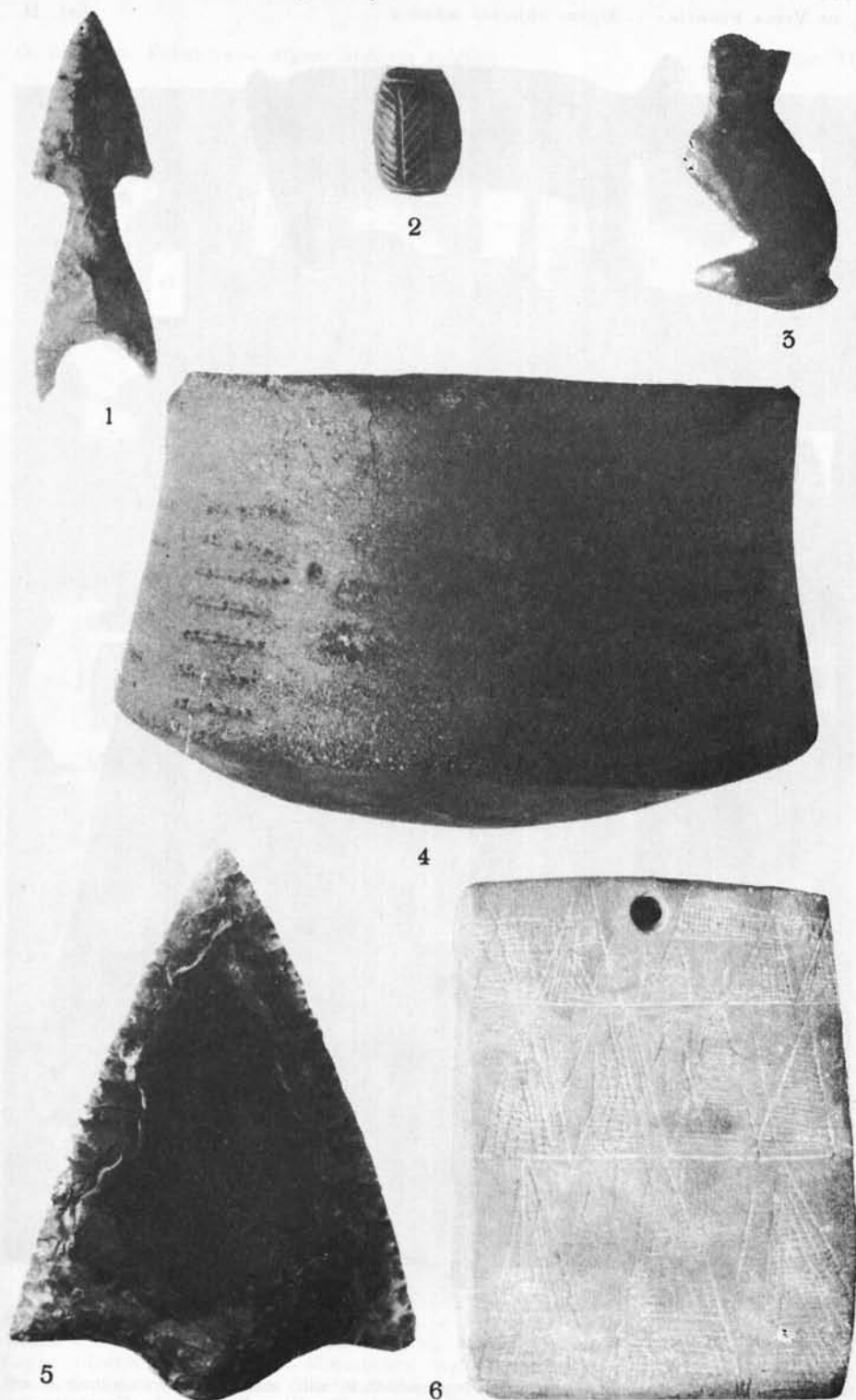
— Une sculpture en schiste ardoisier représentant probablement un suidé, provenant d'un dolmen de Vale de Figueiras (Montemor-o-Novo).

— Une plaque de schiste ardoisier gravé, un vase caréné à ornementation à pointillés, réalisée par application d'un peigne en bois ou en os, provenant de dólmenes de la region d'Alter do Chão.

Toutes ces pièces appartiennent à l'Eneolithique, sauf la hallebarde de la grotte de Furadouro qui date dans la culture mixte du littoral.

<sup>(37)</sup> Fernando Nunes Ribeiro, «o Bronze Meridional Português», Beja, 1965.





1 — Ponta de seta de sílex dupla dum monumento de Montemor-o-Novo (2/1); 2 — Conta de colar de rocha verde ornamentada dum monumento de Montemor-o-Novo (2/1); 3 — Estatueta de roedor em rocha verde (epídoto? ou vesuvianite?) dum monumento de Montemor-o-Novo (2/1); 4 — Vaso carenado com ornamentação feita a matriz (pente) (Anta do Crato 2/3); 5 — Ponta de alabarda de sílex «tipo Casa da Moura». Provém da Gruta da Amoreira (Óbidos) (2/3); 6 — Placa de xisto ardosiânico com gravura sobreposta (Anta do Crato 2/3).



7

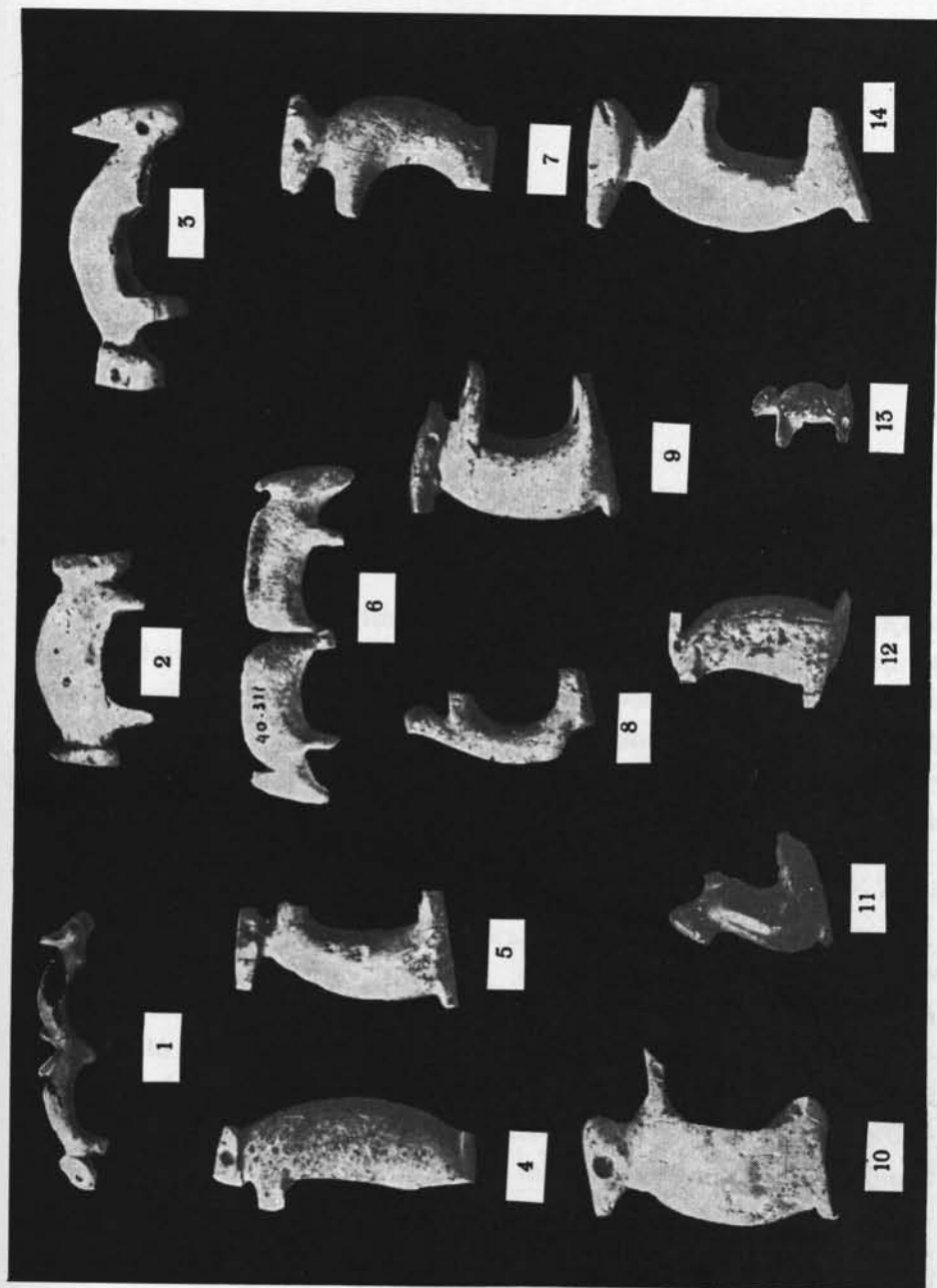


8



9

7 — Estatueta de xisto ardoso representando um suídeo dum monumento de Montemor-o-Novo (2/1); 8 — Grande pendente de fibrolite. Provém de Fronteira no Alentejo (2/3); 9 — Grande alabarda de sílex «tipo Casainhos»). Provém dum monumento de Montemor-o-Novo (2/3).



Algumas estatuetas representando roedores encontradas em Portugal: 1 — Lapa do Bugio; 2 e 8 — Lapa do Suão; 3, 4, 7 e 14 Necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras); 5, 9, 10 e 11 — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras); 6 — Quinta das Lapas (Torres Vedras); 12 — Monumento das Conchadas (Belas); 13 — Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras). (Todas as estatuetas estão em tamanho natural com a excepção dos n.ºs 1 e 6 que estão em 2/3).